



BEATRIZ HASTENREITER DA SILVA

**A LUDOTERAPIA COMO FACILITADORA DA EXPRESSÃO DA CRIANÇA SOB A
PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA.**

Muriaé-MG

28 de novembro de 2023



Curso de Psicologia

**A LUDOTERAPIA COMO FACILITADORA DA EXPRESSÃO DA CRIANÇA SOB A
PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA.**

Trabalho apresentado às unidades de ensino do oitavo período do Curso de Psicologia do Centro Universitário FAMINAS, como requisito parcial a sua integralização. Trabalho Interdisciplinar Supervisionado.

Acadêmico: Bestriz Hastenreiter da Silva

Prof. Orientador(a): Msc. Laís Ramos Sanches

Muriaé-MG

28 de novembro– 2023

BEATRIZ HASTENREITER DA SILVA

**A LUDOTERAPIA COMO FACILITADORA DA EXPRESSÃO DA CRIANÇA SOB A
PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA.**

Trabalho apresentado às unidades de ensino do oitavo período do Curso de Psicologia do Centro Universitário FAMINAS, como requisito parcial a sua integralização. Trabalho Interdisciplinar Supervisionado.

BANCA EXAMINADORA

Msc. Laís Ramos Sanches

Especialista Betânia Vieira Costa

Msc. Maira Ribeiro de Souza

Muriaé-MG

28 de novembro de 2023

RESUMO

Este artigo apresenta a Ludoterapia como facilitadora da expressão da criança sob a perspectiva da Gestalt-Terapia, que é uma abordagem terapêutica que busca promover a integração do indivíduo como um todo, trabalhando a sua relação com o meio ambiente, as suas emoções, pensamentos, comportamentos e percepções do mundo que o cerca. A Gestalt-Terapia baseia-se no entendimento de que a pessoa é um ser complexo, que não pode ser entendido de forma fragmentada. No contexto da terapia com crianças, uma das formas de aplicação da Gestalt-Terapia é por meio do uso de materiais lúdicos. Os materiais lúdicos são recursos que facilitam a comunicação e a expressão dos sentimentos e das experiências vividas pelas crianças, desenvolvendo a sua capacidade de entender e se relacionar com o mundo. A Ludoterapia é a psicoterapia realizada através do lúdico, do brincar, e tem como objetivo facilitar a expressão da criança. Neste sentido é fundamental pensar na relação que se pode estabelecer entre o brincar e a abordagem gestáltica, pautada no desenvolvimento da criança, tendo o brincar como uma forma de linguagem para facilitar a expressão e comunicação no espaço terapêutico. Assim, o presente trabalho será construído através de um estudo teórico elaborado a partir da revisão de literatura trazendo um pouco como se desenvolveu o conceito de infância e a visão da abordagem gestáltica diante do mesmo, ademais trará as especificidades do atendimento infantil e por fim o conceito de ludoterapia e seus recursos, assim com o objetivo de apontar como a ludoterapia pode facilitar a expressão da criança no processo terapêutico. Dessa forma, a literatura consultada permitiu concluir que o uso do lúdico no atendimento clínico com crianças, é uma das formas mais adequadas para se compreender o funcionamento das crianças, assim como suas formas de expressão e de contato. Da mesma forma, pode-se perceber e entender a forma adequada para o uso dos recursos lúdicos e do jogo como facilitadores da terapêutica com crianças e resultando em um melhor aproveitamento deste processo.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, lúdico, brincar, Gestalt-terapia com crianças, ludoterapia.

ABSTRACT

This article presents Play Therapy as a facilitator of children's expression from the perspective of Gestalt Therapy, which is a therapeutic approach that seeks to promote the integration of the individual as a whole, working on their relationship with the environment, their emotions, thoughts, behaviors and perceptions of the world around you. Gestalt Therapy is based on the understanding that the person is a complex being, which cannot be understood in a fragmented way. In the context of therapy with children, one of the ways of applying Gestalt Therapy is through the use of playful materials. Playful materials are resources that facilitate communication and expression of children's feelings and experiences, developing their ability to understand and relate to the world. Ludotherapy is psychotherapy carried out through play, and aims to facilitate the child's expression. In this sense, it is essential to think about the relationship that can be established between playing and the Gestalt approach, based on the child's development, with playing as a form of language to facilitate expression and communication in the therapeutic space. Thus, the present work will be constructed through a theoretical study elaborated from the literature review, bringing a little about how the concept of childhood was developed and the vision of the Gestalt approach towards it, in addition it will bring the specificities of child care and finally the concept of play therapy and its resources, with the aim of pointing out how play therapy can facilitate children's expression in the therapeutic process. Thus, the literature consulted allowed us to conclude that the use of play in clinical care with children is one of the most appropriate ways to understand how children function, as well as their forms of expression and contact. Likewise, one can perceive and understand the appropriate way to use recreational resources and games as facilitators of therapy with children, resulting in better use of this process.

Keywords: Gestalt therapy, playful, play, Gestalt therapy with children, play therapy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	O CONCEITO DE INFÂNCIA E A CRIANÇA NA CLINICA GESTÁLTICA ...	10
3	A PSICOTERAPIA INFANTIL E AS ESPECIFICIDADES DO ATENDIMENTO COM CRIANÇAS	16
4	A LUDOTERAPIA COMO RECURSO NA CLÍNICA COM CRIANÇAS.....	22
4.1	USO DE DESENHO COMO RECURSO LÚDICO	26
3.2	VIVÊNCIAS DE FANTASIAS.....	27
3.3	RECURSOS ARTÍSTICOS: TINTA, MASSA, ARGILA, COLA, ÁGUA.....	28
3.4	HISTÓRIAS E POESIAS.....	29
3.5	DRAMATIZAÇÃO	29
3.6	JOGOS.....	30
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS	34

1 INTRODUÇÃO

A Gestalt-Terapia é uma abordagem psicoterapêutica constituída por Fritz Perls¹, Laura Perls² e Paul Goodman³, sendo seus principais propulsores em meados da década de 40. Assim, surgindo no âmbito da vertente humanista, com uma nova visão de homem levando em conta não somente suas dificuldades e conflitos, e assim tendo também um olhar para as diversas potencialidades e possibilidades, tendo auxílio de uma vasta contextualização teórica, com base no existencialismo dialógico, na fenomenologia, teoria do campo e o Holismo (Yontef, 1998).

Tendo em vista que a Gestalt-Terapia é fortemente influenciada pela fenomenologia e o existencialismo, a fenomenologia procura estudar como a experiência a determinado fenômeno ocorre, com a tentativa de compreender através da descrição do sujeito a forma como ele compreende e percebe os fenômenos, sem forjar interpretações e hipóteses. Nesse sentido, nada pode ser descrito ou compreendido sem o olhar do indivíduo, pois é através da sua intencionalidade que se tem a compreensão do fenômeno (Ribeiro, 1994).

O processo terapêutico em Gestalt-terapia com crianças tem o objetivo de resgatar o curso satisfatório do desenvolvimento da criança, propiciando oportunidades, conforme diz Oaklander (1992), de reencontrar a vivacidade e o contato pleno com o mundo por meio da desobstrução de seus sentidos, do reconhecimento do seu corpo, da identificação, aceitação e expressão de seus sentimentos suprimidos. Além disso, da possibilidade de realizar escolhas e verbalizar suas necessidades, bem como de encontrar formas para satisfazê-las, além de aceitar-se como é na sua singularidade. Observamos um predomínio da linguagem lúdica em detrimento da linguagem verbal em alguns casos, pois dependendo da faixa etária da criança ela ainda se encontra em desenvolvimento. Por isso, utiliza-se recursos lúdicos, estruturados ou não, para facilitar a expressão e a comunicação no espaço terapêutico, e técnicas para explorá-los nas diversas atividades realizadas ao longo das sessões (Aguiar, 2014).

¹ Frederick Salomon Perls, nasceu em Berlin em 8 de junho de 1893 numa família judia, sendo o terceiro filho de Amalie Rund e Nathan Perls. Perls foi considerado o fundador e um dos principais propulsores da Gestalt-Terapia.

² Laura Perls foi uma notável psicóloga e psicoterapeuta nascida na Alemanha em 1905, que ajudou estabelecer a Gestalt.

³ Goodman era um escritor, poeta, novelista e crítico literário que possuía fortes posições anarquistas.

Assim, uma técnica de intervenção psicoterapêutica, a qual pode ser de grande valia para o trabalho do Gestalt-terapeuta, com crianças e adolescentes, é a ludoterapia, que é a psicoterapia realizada através do lúdico e do brincar, e tem como objetivo facilitar a expressão da criança. Diante dessas informações surge uma necessidade de averiguar de que forma a ludoterapia auxilia na expressão da criança (Aguiar, 2014).

Este presente trabalho tem como objetivo central apontar como a ludoterapia pode auxiliar na expressão da criança, utilizando como base teórica a Gestalt-terapia. A importância desse estudo se justifica pelo interesse em aprofundar nos conhecimentos referentes a como a técnica da ludoterapia pode auxiliar e facilitar a comunicação da criança com o terapeuta, e demonstrar as possibilidades de ferramentas que podem ser utilizadas pelo profissional.

A metodologia utilizada foi a revisão integrativa da literatura que consiste na construção de uma análise ampla da literatura, contribuindo para discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuros estudos. O propósito inicial deste método de pesquisa é obter um profundo entendimento de um determinado fenômeno baseando-se em estudos anteriores. Diante disso, através das bases de dados SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*), PEPSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), PubMed e Bvs-psi. Além de teses e dissertações da plataforma BDTB (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações). Onde foram encontrados 100 materiais. Destes, foram selecionados 34, no qual o critério de seleção para inclusão foram os artigos nos quais as palavras-chave são: Gestalt-terapia, lúdico, brincar, Gestalt-terapia com crianças, ludoterapia. Os critérios de exclusão são artigos que não abordam a temática. Ademais foram utilizados livros, como: Descobrimo crianças, de Violet Oaklander (1980), Gestalt terapia com crianças, de Luciana Aguiar (2014) e Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia, de Frazão e Fukumits (2016) os mesmos contribuíram para a construção do saber da área clínica com crianças e possíveis intervenções.

O trabalho foi apresentado em três capítulos, o primeiro abordou o conceito de infância e a criança na clínica gestáltica, já o segundo capítulo apresentou a psicoterapia infantil e as especificidades do atendimento com crianças e no terceiro

realizou-se uma compilação sobre a ludoterapia como recurso na clínica com crianças e as possibilidades de ferramentas e intervenções.

2 O CONCEITO DE INFÂNCIA E A CRIANÇA NA CLINICA GESTÁLTICA

Para que possamos compreender como se deu a inserção da criança na psicoterapia, precisamos entender, primeiramente, a partir da história, como o conceito de infância que temos hoje surgiu. É senso comum que todas as crianças se encontram em uma fase do desenvolvimento humano que precisa de mais atenção e cuidado e, por esse motivo, elas necessitam ser protegidas por leis e viverem sob os cuidados de um responsável. No entanto, nem sempre foi assim, uma vez que a percepção em relação à infância que temos na modernidade é uma construção social que aconteceu ao longo da história da humanidade (Ariés, 2012).

Sendo assim, torna-se necessário compreender que a infância é um conceito novo, que passou por muitos séculos de mudanças sociais, culturais e econômicas para chegar nos moldes atuais. Com isso, apresentaremos alguns pontos importantes da história de como se deu esse processo (Ariés, 2012).

O conceito de infância tal como o entendemos hoje é histórico e social, baseado em relações humanas. No período da Idade Média, as crianças eram vistas como adultos em miniatura, e sua educação era relegada aos espaços públicos. Não existia a noção de cuidados maternos, ou seja, as crianças eram tratadas da mesma forma que os adultos, não lhes eram reconhecidas nenhuma especificidade (Cirino, 2001).

No século XVI, surge o que Ariès (1981) nomeia de "sentimento de infância", um primeiro reconhecimento da infância como uma fase peculiar do desenvolvimento humano. Santo Agostinho, representante do pensamento vigente, via a criança como um ser cuja essência era maldade, concebendo-a como pecadora por não saber falar (Cirino, 2001). Já no século XVIII, contrário a essa perspectiva, Rousseau descreve a criança como marcada pela pureza, pela inocência, cabendo a nós cuidá-las e protegê-las dos males da sociedade. Ainda nesse século, emergem várias mudanças que contribuíram para a construção da noção atual de infância, dentre elas podemos citar o florescimento do romantismo com a imagem da criança como o solo fértil do amanhã e a emergência do capitalismo difundindo a ideia da criança como o trabalhador do futuro (Cirino, 2001). Dessa forma, a criança passa a ser entendida como o homem de amanhã, reivindicando cuidados e fomentando o surgimento das várias especialidades médicas, educacionais, etc., destinadas a ela. A partir do início da escolarização, havendo uma separação do mundo adulto e infantil, a criança passa a ser percebida como alguém que precisa se preparar para o futuro (Arriès, 1981), De

acordo com Aguiar (2005) daí advém o “sentimento de família”, a qual começa a exercer um papel afetivo e constitutivo, tomando como sua responsabilidade a educação das crianças. Não havia, nos séculos anteriores, nenhuma relação afetiva entre as crianças e os pais como passou a existir a partir do século XIX até os nossos dias, tão marcada pelo amor filial e senso de pertencimento.

Assim, foi somente a partir dos estudos voltados ao conceito de criança que se começou a pensar e problematizar o conceito de infância e nos tempos atuais a imagem da criança está integrada ao conceito de infância (Ariès, 2012). A criança, hoje, é compreendida como um ser social que tem vez e voz própria, que deve ser cuidada, ouvida, educada e tratada com seriedade e zelo. Com a criação do Estatuto da Criança e do adolescente (ECA), em 1990, foi legitimado o discurso pelo cuidado e registrado avanço nas políticas públicas voltadas para a criança e o adolescente. A partir desse contexto, é importante frisar que a criança ocupa, hoje, um espaço privilegiado na sociedade, munidas de direitos e deveres. No entanto, a infância, em muitos casos, lhe é retirada muito cedo ou não é vivida. Falar de infância é falar do brincar, do fantasiar, do ser criança (Trigueiro, 2012).

Com isso, com o avanço do conceito de criança e seu desenvolvimento dentro do processo histórico da sociedade e da família, a criança passou a ser uma preocupação de alguns estudiosos, tornando-se um objeto de estudo e, conseqüentemente, conduzindo a uma forma de estudar a natureza do homem. É neste contexto, no qual a criança passa a ser estudada, que a psicologia (voltada para crianças) se insere como uma das áreas de conhecimento a se debruçar sobre o universo infantil na tentativa de compreendê-lo e dar sua contribuição para o desenvolvimento saudável das crianças (Aguiar,2005).

Dessa forma, a Gestalt-Terapia é uma abordagem que surge nos meados dos anos 40, que vem trazendo contribuições para essa compreensão, assim tendo em vista que a Gestalt-Terapia é fortemente influenciada pela fenomenologia e o existencialismo, a fenomenologia procura estudar como a experiência a determinado fenômeno ocorre. Com a tentativa de compreender através da descrição do sujeito a forma como ele compreende e percebe os fenômenos, sem forjar interpretações e hipóteses. Pois nada pode ser descrito ou compreendido sem o olhar do indivíduo, pois é através da sua intencionalidade que se tem a compreensão do fenômeno. O método fenomenológico trabalha na busca do mundo inter e intrapsíquico, ou seja, é

tentar ao máximo ficar com a realidade propriamente dita e a partir daí caminhar para que se tenha a compreensão do fenômeno de fato (Ribeiro, 1994).

“Dentro de uma concepção holística, o ser humano é percebido como uma unidade, como um ser global que transcende o dualismo que por muito tempo imperou de forma absoluta na filosofia e na ciência. Perceber o ser humano como uma totalidade significa compreendê-lo para além de suas características isoladas, articulando-as não só a outras características do seu ser total, como também à totalidade do contexto mais amplo do qual ele faz parte” (AGUIAR, 2014, p. 32)

De acordo com Kovács (1992), o existencialismo é uma vertente da filosofia e tem como o objetivo central o interesse na experiência do homem, sendo assim, ele vê uma grande importância na existência, se contrapondo a teologia e a filosofia racional a favor do homem, e coloca que o mesmo tem a responsabilidade total por sua existência.

A abordagem gestáltica adota uma visão holística que considera o ser humano como uma totalidade. Esta visão acredita que o universo é composto por diversas totalidades, desde o indivíduo até o contexto mais amplo. Esta concepção acredita que os elementos da vida do indivíduo estão interligados e que todas as partes afetam a totalidade. Esta força se esforça para manter o equilíbrio entre os elementos e assim garantir o bem-estar do indivíduo. Assim, a criança também não pode ser compreendida apenas por um aspecto isolado, mas sim como um ser complexo e interligado em diferentes dimensões. Seus aspectos emocionais, cognitivos, orgânicos, comportamentais, sociais, históricos, culturais, geográficos e espirituais estão todos entrelaçados e influenciam uns aos outros (Aguilar, 2014).

Um exemplo dessas interrelações é o fato de que as experiências emocionais de uma criança podem afetar seu desenvolvimento cognitivo e comportamental. Da mesma forma, seu contexto social e histórico, bem como suas crenças culturais e geográficas, também desempenham um papel importante em sua formação e identidade. Além disso, aspectos espirituais também podem desempenhar um papel na compreensão da criança como um ser total. A espiritualidade pode fornecer significado e propósito para a vida da criança, assim como influenciar seus valores e perspectivas. Portanto, ao considerar uma criança como um ser total, é necessário levar em conta todas essas dimensões interconectadas. Isso implica reconhecer a importância da vinculação e da reciprocidade entre esses diferentes fatores na compreensão e no desenvolvimento da criança (Aguilar, 2014).

Um desses fatores que podemos citar é a dimensão social no qual está inserida a família. A mesma, geralmente, não tem consciência da influência que causa na formação integral da criança. Diante disto, é essencial abrirmos um espaço de reflexão sobre como a família influencia na educação e no desenvolvimento psicológico das crianças (Costa; Dias, 2005).

Além disso, o envolvimento de pais ou responsáveis no processo terapêutico da criança permite a compreensão de como são as relações entre as pessoas daquela família, como, por exemplo, o quanto de expectativas os adultos depositam nas crianças, quais as projeções, deflexões ou outros modos de evitação são atribuídos às crianças. Esta compreensão favorece o desenvolvimento de *awareness*⁴ dos adultos envolvidos, possibilitando mudanças significativas da dinâmica familiar (Oaklander, 1980).

O papel da família para o desenvolvimento infantil é o de confirmação do ser humano em sua individualidade, proporcionando a diferenciação do outro, a independência e a autonomia, porém mantendo a harmonia, a conexão e a união entre os membros da família. Esta seria uma definição de família saudável, respeitando os limites de seus membros e acolhendo e negociando suas diferenças. Porém isso nem sempre acontece trazendo conflitos e desafios (Antony; Sheila, 2015).

O consenso da Gestalt-terapia é que quando enfrentamos cada desafio, a cada situação cotidiana, encontramos a melhor maneira de lidar para resolvê-la naquele momento. Portanto, o sujeito tende naturalmente a uma autorregulação saudável. As crianças estão sempre expostas a coisas novas, muitas vezes têm curiosidade pelo novo e convivem bem com esses elementos, vivenciando essa interação de forma criativa em relação ao objeto de seu interesse, às vezes por tentativa e erro. Como resultado, a plasticidade de uma criança permite-lhe encontrar diferentes soluções para diferentes problemas da vida cotidiana. Porém, se houver repetição ao mesmo comportamento em uma situação onde podem haver semelhanças, mas na verdade são diferentes e exigem novos ajustes, a resposta dada fica fora de contexto e óbvia (Frazão; Fukumitsu, 2016). Como descreve Frazão (1991), o que inicialmente podem ser adaptações funcionais e criativas pode, por vezes, tornar-se padrões repetitivos e disfuncionais.

⁴ Awareness: se caracteriza pela consciência de si e a consciência perceptiva; é a tomada de consciência global no momento presente, a atenção ao conjunto da percepção pessoal, corporal e emocional, interior e ambiental (Ginger, 1995, p.254).

Criam-se distorções quando os comportamentos que tendiam a ser saudáveis em um primeiro momento sofrem bloqueios, ficam cristalizados, são insuficientes ou inadequados para lidar com o momento presente e passam a ocasionar problemas. Quando uma criança experimenta emoções fortes e impactantes, ela pode aprender algo com a experiência. Estas podem ser registradas como crenças que representam aprendizagem, orientam novas escolhas ou levam a novos comportamentos. É assim que ela forma o seu sistema de crenças, que molda o contexto em que ela pensa sobre si mesma e sobre a vida, a sua autoimagem e identidade (Frazão; Fukumitsu, 2016).

A Gestalt-terapia acredita que o estreitamento do contato é fundamental para o processo terapêutico, e isso é alcançado por meio do desenvolvimento das funções sensoriais e perceptivas, como visão, audição, tato, paladar, olfato, propriocepção, fala e movimento. O terapeuta incentiva a criança a explorar e expandir sua consciência sensorial e corporal. Além disso, a Gestalt-terapia busca ampliar a *awareness*, ou seja, a atenção plena ao momento presente. A criança é estimulada a perceber e reconhecer suas próprias emoções e reações diante das diferentes situações que vivencia. O terapeuta ajuda a criança a compreender e elaborar esses sentimentos, incentivando a expressão emocional saudável (Frazão; Fukumitsu, 2016).

A valorização da experiência também é um aspecto importante na terapia gestáltica. A criança é encorajada a experimentar e explorar novas maneiras de se relacionar consigo mesma, com os outros e com o mundo ao seu redor. Ao interagir com o terapeuta durante a sessão, ela tem a oportunidade de expressar suas emoções, elaborar seus sentimentos e experimentar novas possibilidades em sua existência. Dessa forma, a Gestalt-terapia oferece um espaço seguro e acolhedor para a criança brincar, expressar-se e ativar seu potencial de crescimento e desenvolvimento (Frazão; Fukumitsu, 2016).

Será conduzido tendo como início a relação que é estabelecida entre o psicoterapeuta e a criança, tendo a experiência de necessidades específicas. Como viu-se anteriormente a metodologia utilizada pela Gestalt-terapia é a fenomenologia, que conta com o aporte de técnicas que facilitam o *setting* terapêutico auxiliando em uma maior *awareness* da criança a respeito do mundo e de si mesma, flexibilizando e expandindo suas fronteiras e formas de contato, estabelecendo uma forma criativa de

estar no mundo. Ao utilizar o método fenomenológico, o psicoterapeuta precisa manter suas crenças, seus valores e suas necessidades um pouco de lado, o que significa que deve haver uma suspensão do juízo de valor para a compreensão e condução do processo psicoterapêutico (Aguiar, 2015).

O processo é caracterizado como semidiretivo, ele ocorre na medida em que o psicoterapeuta ganha a confiança dessa criança, utiliza-se intervenções descritivas, como forma de questionamento ou afirmação, porém toda intervenção somente é realizada através do material trazido por essa criança, fazendo com que ela seja o ponto central da terapia e responsável pela direção terapêutica (Borstmann, 2018). Em alguns casos tem como predomínio o lúdico que seriam brincadeiras, jogos, diversão, imaginação, entre outros, em comparação com a linguagem verbal, pois dependerá do marco do seu desenvolvimento infantil. Por isso a utilização do lúdico, estruturado ou não, para mediar essa comunicação dentro do espaço terapêutico (Aguiar,2015).

A psicoterapia infantil requer conhecimentos específicos, para entrar em contato com a criança, e não levando somente em consideração os sintomas da mesma, pois junto se tem muitas potencialidades, e a Gestalt-terapia não focaliza em uma patologia e sim como um todo que se interage, a partir da sua interação com o meio e o organismo, é necessária uma visão holística para que o desenvolvimento do trabalho seja satisfatório, auxiliando na autorregulação organísmica ⁵ e na forma de *awareness* plena (Aguiar,2015).

Com isso, o processo terapêutico em Gestalt-terapia com crianças tem o objetivo de resgatar o curso satisfatório do desenvolvimento da criança, propiciando oportunidades, conforme diz Oaklander (1992), de reencontrar a vivacidade e o contato pleno com o mundo por meio da desobstrução de seus sentidos, do reconhecimento do seu corpo, da identificação, aceitação e expressão de seus sentimentos suprimidos, da possibilidade de realizar escolhas e verbalizar suas necessidades, bem como de encontrar formas para satisfazê-las, além de aceitar-se como é na sua singularidade.

⁵ Autorregulação organísmica: Este conceito é originário da Teoria Organísmica de Kurt Goldstein. Ele define a auto-regulação organísmica como sendo uma forma do organismo interagir com o mundo, nele o organismo é capaz de se atualizar. Para que isso aconteça, é preciso que o sujeito tenha respostas novas para as situações as quais vivencia em sua interação com o meio.

3 A PSICOTERAPIA INFANTIL E AS ESPECIFICIDADES DO ATENDIMENTO COM CRIANÇAS

O surgimento da psicoterapia infantil ocorreu no final do século XIX, quando as pessoas passaram a ver a infância de uma forma mais apurada, com maior visibilidade. Não há dúvida de que a teoria psicanalítica é a base para a origem e desenvolvimento da atual psicoterapia infantil. A partir do final do século XIX, o conceito de infância atingiu novos patamares na sociedade, em grande parte devido ao interesse do psicanalista e neurologista austríaco Sigmund Freud (1856-1939) em compreender as origens das neuroses (Aguilar, 2015).

Freud não desenvolveu análises a respeito da utilização do brincar no tratamento com crianças e só relatou um único caso em 1920 quando observou seu neto de 18 meses brincando em um jogo onde ele tinha o hábito de jogar o brinquedo para longe e trazer de volta. Esse exercício, de aparecer e desaparecer do brinquedo, ficou conhecido como fort-da⁶.

Freud compreendeu que os medos e angústias da criança estavam sendo transportados para o externo e se relacionava com a ausência e chegada da mãe, onde ele conseguia minimizar o sentimento de impotência diante dessa separação, e assim se iniciou a percepção de que o brincar é um forte elemento para que se possa compreender as ansiedades infantis (Freud, 1920).

Dando continuidade a esses estudos, Anna Freud, filha de Freud, acreditava que a criança não era capaz de se associar livremente devido a sua imaturidade psíquica, recusando assim o brincar como instrumento técnico analítico. Anna Freud concebia o jogo como técnica complementar que elucidaria os impulsos do id, mas não consentiria ver como funcionava o ego. Diante disso, Anna buscou a outras formas, as quais informam o funcionamento do ego via exame de transformações de afeto (Sei; Cintra, 2013). Anna Freud foi pioneira no atendimento psicanalítico de crianças juntamente com Melanie Klein, e acreditava que era necessária uma aliança entre a psicanálise e a pedagogia. Mais tarde em 1980, Melanie Klein deu continuidade aos estudos, pois viu na psicanálise com crianças a “oportunidade de uma exploração psicanalítica do funcionamento psíquico desde o nascimento”, recomendando interpretações profundas, pois acreditava que o contato direto da

⁶ Fort-da: foi descrito por Freud como uma brincadeira que consistia na desaparecimento e surgimento de determinado objeto.

criança com sua realidade psíquica poderia auxiliá-la a renunciar a determinadas defesas (Stumer, 2009, pg.30).

Outra contribuição importante para psicoterapia infantil foi Winnicott, no qual, para ele, a compreensão do brincar vem a partir do momento em que ele entende que a criança passa por um período de separação da mãe, substituindo-a por um objeto que representa como ela se posiciona diante do mundo, aparecendo assim o brincar como forma da criança encontrar a si mesma (Winnicott, 1975).

Ao brincar, a criança expressa sentimento de culpa, ansiedade e fantasias, tornando assim uma expressão simbólica dos seus conflitos. Brincar então se refere tanto às descobertas da criança sobre o mundo exterior, quanto ao seu mundo interno, desenvolvendo sua imaginação, onde contém partes de suas experiências de faz-de-conta e também de experiências vividas no mundo real, sendo importante também para o desenvolvimento emocional da criança, dos valores morais e culturais, sociabilidade e individualidade, fazendo com que ela esteja mais preparada para lidar com o meio social (Winnicott, 1975).

Dessa forma é importante entender que cada autor teve sua contribuição no que tange à psicoterapia com crianças, possibilitando o uso dos recursos lúdicos, o brincar como meio de expressão e ação, a aceitação no setting terapêutico, a compreensão do contexto familiar, dentre muitas outras formas de atuação do terapeuta no atendimento com crianças. Cada descoberta teve como pressuposto básico a compreensão de homem e das diversas metodologias de trabalho que cada abordagem acredita (Aguar, 2014).

Com isso, vemos que há singularidades quando se trata da psicoterapia infantil em detrimento da de adultos, uma das características que distinguem a psicoterapia de adultos da realizada com crianças é que a criança está inserida em um campo do qual é dependente, seja de seus pais ou responsáveis. Como dizemos em Gestalt-terapia, “a criança está no campo e o campo está na criança”(NOGUEIRA, 1995,pg20). Há uma circularidade nessa mútua interferência, que ocorre desde o nascimento (Nogueira, 1995), mas as decisões sobre uma série de fatores (escolha da escola, de médicos, da psicoterapia etc.) dependem dos pais. A criança, por sua vez, está em processo de construção da sua identidade. Embora ainda não haja a predominância de uma maneira de ser no mundo, muitas características já se anunciam.

No que diz respeito às clínicas infantis, devido à sua dependência dos pais, estas são responsáveis por muitas escolhas que interferem decisivamente na vida de uma criança como dito anteriormente. Mesmo assim, cabe às crianças a responsabilidade de escolher o modo como interpretam o que lhes acontece e como reagem em diferentes ocasiões. Portanto, participam ativamente na construção de suas próprias identidades (Frazão; Fukumitsu, 2016).

Com isso, o psicoterapeuta não se relaciona somente e diretamente com o seu cliente, mas também tem contato com a família, com a escola e, se necessário, com outros ambientes de convivência da criança, pois em alguns casos esses ambientes são referenciais importantes diante do comportamento da criança e podem revelar dados importantes em relação a seu funcionamento, e isso, às vezes, não é de conhecimento dos pais (Fernandes, 2010)

Para Plata e Santos (2007), a família desempenha um papel crucial no amadurecimento e no desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo. A função biológica desempenhada pela família é garantir a sobrevivência e prestar os cuidados necessários ao desenvolvimento normal do bebê. A função psicológica é proporcionar emoções para garantir a sobrevivência emocional das crianças; fornece suporte para a sua ansiedade e conflitos existenciais no processo de desenvolvimento, ajudá-las a superar crises; criar um ambiente adequado, promover a aprendizagem e, assim, promover o desenvolvimento cognitivo. O funcionamento social é a permeação de valores através do estar com os outros para atuar na sociedade, influenciando decisões e atitudes em todas as fases da vida.

Na perspectiva da Gestalt, a família é um todo composto por todos; as pessoas dentro dela estão constantemente interagindo e influenciando umas às outras em busca da melhor forma de autorregulação. O comportamento de cada membro da família está relacionado e depende do comportamento de todos os membros. Estes se influenciam mutuamente, reagem e respondem às expectativas e necessidades do outro em busca de um equilíbrio (Costa; Dias, 2005).

Por isso, de acordo com a visão holística da Gestalt-Terapia, é preciso que o atendimento clínico de crianças seja feito da forma mais contextualizada possível. Isso justifica a estratégia utilizada pelo psicoterapeuta infantil de realizar sessões familiares, sessões conjuntas, visitas à escola ou a outros ambientes os quais a criança frequenta de forma significativa. Considerando a importância da relação

familiar na vida da criança, a proposta de sessões familiares (toda a família), ou conjunta (a criança e os pais, a criança e a mãe, a criança e os irmãos) oferece ao psicoterapeuta uma visão ampla e rica do funcionamento familiar (Fernandes, 2010).

Uma das implicações de considerar o ser humano como um ser global e integrado é que todas as expressões da criança, independentemente da forma como são denominadas - verbalmente ou não, mentalmente ou fisicamente, emocionalmente ou organicamente - manifestam-se em sua relação completa com o mundo, refletindo sua única maneira possível de ser e estar nesse mundo em um determinado momento (Aguiar, 2015).

A psicoterapia infantil gestáltica se baseia no método fenomenológico, que busca entender o que, o como e o para que da criança apresentar aquele comportamento específico, podendo esse comportamento ser considerado saudável ou não saudável. Para Aguiar (2015, p. 150), o método fenomenológico "(...) se caracteriza pelo uso de linguagem descritiva, que se opõe à linguagem interpretativa e à prescritiva". No que concerne a essa metodologia, Antony (2010, p. 84) explica como o psicoterapeuta se mantém numa atitude fenomenológica:

[...] o terapeuta ocupa-se mais com o funcionamento e a dinâmica da criança observando o modo como ela expressa ideias, pensamentos, sentimentos e relaciona-se em seus diversos campos existenciais, em vez de procurar as causas da formação dos comportamento problemáticos. É, portanto, uma abordagem mais compreensiva do que explicativa, uma vez que sua metodologia é a observação e a descrição do fenômeno vivido na experiência.

Ademais, outra especificidade na clínica infantil é a utilização do brincar e recursos lúdicos, pois o brincar é a forma natural de expressão da criança, bem como a linguagem verbal é a dos adultos. É um meio de comunicação, pelo qual a criança sai de uma situação centralizada em um objeto, para torná-lo um mediador entre ela e seu mundo. No ato de brincar há inúmeros aspectos que caracterizam o ser e o estado de cada criança, das suas emoções, dificuldades, vivências, formas de ver e relacionar-se com o mundo e do seu estado de desenvolvimento físico, mental e emocional. Desta forma, a utilização de recursos lúdicos tem o intuito de facilitar o seu processo de desenvolvimento tanto interior como exterior (CENPEC, 2009). Através do brincar a criança sente, vive e revive as experiências de sua relação com o mundo exterior e com ela mesma, facilita o relacionamento terapêutico, comunicação, rapport, vínculo, atitude de contato e a permissividade do terapeuta que deve agir como facilitador junto à criança e possa lhe proporcionar meios de desenvolvimento

em um espaço que lhe deixe demonstrar os significados de seus conflitos, angústias e medos (Rodrigues, 2010).

A ludicidade é um modo intenso de contato para a criança, e na perspectiva gestáltica, o relacionamento origina-se no contato. Por meio dele, as pessoas crescem e formam identidades. Contato é o experimento da fronteira entre o “eu” e o “não eu”. É o experimento de interagir com o “não-eu” enquanto mantém uma autoidentidade distinta do “não-eu” (Yontef, 1998). Quando criança utiliza o brinquedo, aprende mais sobre o seu mundo, por isso, o brincar consiste em algo eficaz para que tenha um desenvolvimento sadio. Para a criança, brincar é uma coisa séria, dotada de sentido, através da qual ela se desenvolve mentalmente, fisicamente e socialmente. Portanto, “através da segurança da brincadeira toda criança pode experimentar suas próprias e novas formas de ser e, por isso, a brincadeira desempenha uma função vital” (Oaklander, 1980).

Acrescido a essa compreensão, Antony (2010, p. 84-85) destaca que o psicoterapeuta se interessa pelo brincar da criança durante a sessão de psicoterapia:

[...] o gestaltista desenvolve um olhar atento à experiência do brincar, despojando da intenção de interpretar o fenômeno que vê. Está interessado em descrever e explorar aquilo que é observado no ambiente terapêutico, de modo que a própria criança venha a dar significado às vivências experimentadas. Com crianças, a experiência é a via da consciência.

Dessa forma, o método fenomenológico permite ao psicoterapeuta perceber e compreender durante o processo psicoterapêutico os modos de existir da criança. O foco está na criança e não no problema que foi apresentado, o que concede a ela a oportunidade de ampliação da *awareness* em relação a si mesma e ao mundo, aumentando suas possibilidades de contato e a criação de novas formas de ajustamento criativo.

Na Gestalt-terapia as pessoas estão em constante mudança, e isso acontece por meio do contato com o mundo (Aguiar, 2015; Ribeiro, 2011). Por meio de processos de autorregulação orgânica e adaptações criativos, pesquisamos alcançar um equilíbrio na relação criada entre organismo e ambiente (Antony, 2007; Aguiar, 2015). Como a interação com o mundo é diferente para adultos e crianças, observa-se que o espaço lúdico ajuda as crianças a seus desejos e lhes permite desenvolver uma adaptação criativa saudável.

Todavia, ressaltamos que a psicoterapia com crianças consiste em um trabalho específico em termos de delineamento do método e da interpretação dos resultados

das intervenções, que devem considerar a maneira subjetiva da criança perceber e compreender o mundo, especialmente suas relações interpessoais (Ray; Jayne, 2016). As habilidades verbais infantis tornam o processo psicoterapêutico peculiarmente dinâmico. Por esse motivo, o uso de materiais lúdicos é comum em intervenções clínicas com crianças, levando ao reconhecimento da psicoterapia infantil como ludoterapia (APA, 2021)

4 A LUDOTERAPIA COMO RECURSO NA CLÍNICA COM CRIANÇAS

A palavra ludoterapia vem da palavra inglesa play therapy, que pode ser traduzida literalmente como “terapia através da brincadeira” e pode ser realizada de diversas maneiras. O objetivo é promover ou restaurar o bem-estar psicológico de um indivíduo por meio de atividades lúdicas, fazendo parte do desenvolvimento social da criança, facilitando o repertório infantil e integrando dimensões da interação humanas necessárias, como uma das técnicas utilizadas pelo terapeuta a fim de que seja realizada a análise psicológica com maior precisão (Rodrigues, 2010).

A Ludoterapia trata-se do tratamento psicoterápico voltado à criança. A mesma é realizada por meio do brincar, do lúdico, sendo um facilitador na expressão da criança. Através do brincar as crianças ganham mais oportunidade de expressarem seus sentimentos e conflitos e encontrarem melhores alternativas para resolvê-los. A Ludoterapia é baseada no fato de que o jogo é o meio natural de autoexpressão da criança. É uma oportunidade dada à criança de se libertar de seus sentimentos e problemas através do brincar (Rodrigues, 2010).

A mesma permite a constituição das reproduções psicológicas. É na hora do brincar que a criança troca objetos por outros que lhe dão mais sentido e mais prazer naquele momento. Esse sentido estimula a criança a se constituir como um ser social. A ludicidade auxilia a criança na sua constituição subjetiva para com os signos, significados e de ressignificação dos acontecimentos diários e das suas afinidades com as pessoas com as quais convive. Diante isso deve-se levar em consideração que cada um tem o seu significado frente ao mundo e é o próprio sujeito quem vai explicitá-lo (Freud, 1971).

Para Rodrigues e Nunes (2010, p. 191) “o brincar é um meio de comunicação, pelo qual a criança sai de uma situação centralizada em um objeto, para torná-lo um mediador entre ela e seu mundo (...)”. É assim que entendemos que através da utilização de recursos lúdicos como mediadores, o psicoterapeuta pode acessar o mundo das crianças compreendê-las e ajudá-las em seu processo de adaptação criativa.

Além disso, Mattar (2010, p. 86), destaca que “(...) o terapeuta estabelece formas específicas de utilização dos recursos lúdicos para que a criança consiga resolver o que está ocasionando o problema (...)”. Conseqüentemente, os recursos lúdicos podem ser aplicados como meio de facilitar a linguagem e a expressão da

criança. Nesse sentido, descrevem que a criança deposita em recursos lúdicos o significado de algo vivenciado que ela não tem capacidade de compreender, tornando o jogo e o material lúdico que escolheu mediadores da expressão de seus sentimentos.

Outro fator importante é o aprendizado que o brincar proporciona, pois, por meio dele, a criança aprende regras, limites e alcança os seus objetivos, além de ser estimulada pelo psicoterapeuta a desenvolver a criatividade de uma forma espontânea e divertida (Rodrigues; Nunes, 2010; Oliveira; Grubits, 2020).

Toledo e Faria (2011) apontam que os recursos lúdicos são aplicados de forma estratégica, com o objetivo de promover a construção do vínculo entre o psicoterapeuta e a criança, que tem total liberdade de escolha entre os recursos disponíveis na sala de tratamento, aqueles que lhe interessam. Porém, algumas restrições estão previstas durante o processo de tratamento, como o armazenamento de recursos lúdicos para que possam ser aplicados por outras crianças posteriormente. No que diz respeito à forma como as crianças se comunicam, a brincadeira é uma das principais formas de expressar seu mundo e seus sentimentos (Anthony, 2010).

Nessa perspectiva, no momento em que o psicoterapeuta permite que as crianças e manifeste de forma livre e sem julgamentos, além de estimular a sua espontaneidade, ele favorecerá a construção do vínculo entre eles. Costa e Dias (2005) enfatizam que é indispensável que se estabeleça um vínculo entre psicoterapeuta e criança, visto que é através da sua construção que a criança se conecta com o psicoterapeuta e consegue revelar e compreender suas angústias e frustrações.

Adicionalmente, compreende-se que é por meio do vínculo estabelecido com a criança que o psicoterapeuta poderá acessar o seu mundo, incentivando-a e criando um ambiente seguro para que sua criatividade possa emergir, o que promoverá o desenvolvimento de novos ajustes criativos. Outro aspecto a ser ressaltado é que a interação da criança com o mundo vai além da reprodução do que é vivenciado.

Costa e Dias (2005) afirmam que as crianças são complexas e vão além da imitação ou reprodução do que experimentam, pois elas criam, intensificam e sintetizam suas experiências, explorando seu mundo de forma singular. Destacamos que, para que essa expressão espontânea possa ocorrer, é necessário fornecer um

espaço adequado e acolhedor, onde o psicoterapeuta terá que ouvir a criança. No entanto, de forma diferente do adulto, a criança irá se comunicar por meio de recursos lúdicos, e é nesse momento que o psicoterapeuta estimulará sua espontaneidade, revelando também sua criatividade.

Com isso, cabe ao psicoterapeuta estabelecer o vínculo. A relação deve se estabelecer através da confiança e da aceitação do cliente como ele se revela: agressivo, tímido, hiperativo. Na medida em que o terapeuta o aceita como ele é, vai-se estabelecendo um vínculo de confiança em que a criança vai se sentindo aceita. Na literatura clássica, o trabalho do psicólogo, orientado por uma perspectiva fenomenológica e existencial, baseia-se na relação entre paciente e terapeuta. Para ludoterapia, essas relações são mais concretas na ação do que na conversa. Em outras palavras, a maioria das experiências de terapia com crianças não acontece através do que o terapeuta diz ou do que ele diz ao terapeuta. Acontece por meio da vivência da aceitação, do consentimento da compreensão do sofrimento e da vivência da liberdade emocional. Nesse sentido, a relação paciente-terapeuta na ludoterapia difere da mesma relação no processo terapêutico adulto, uma vez que sua experiência se dá mais em ações do que em palavras (Rogers, 1942/1987).

Ademais, a observação durante o processo de ludoterapia é de suma importância, pois permite ao terapeuta levantar dados acerca de todo o estilo de ser da pessoa, a forma como ela se relaciona com o mundo, as suas dificuldades e seus recursos. O processo de atenção e de concentração deve ser observado durante a sessão, por exemplo, através do jogo da memória, das leituras, da realização de jogos, dentre outros.

Com isso, a memória vê-se através do jogo da memória e de fatos ocorridos em sessões anteriores. Já a ansiedade é verificada em diferentes situações, tanto frente ao novo, quanto em momentos em que a criança vivencia constrangimentos. A coordenação motora pode ser vista durante as atividades com jogos de montar. A forma como lida com as diferentes situações sociais revela se a sua maturidade mostra-se adequada à sua idade cronológica. Isto é muito bem observado na forma como resolve situações cotidianas que lhe são propostas. A expressão da afetividade e dos sentimentos ocorre durante todo o processo lúdico, seja na relação com o psicólogo, seja nas situações de frustração frente a realização de alguma atividade. No grafismo e nos testes expressivos tem-se a oportunidade de observar a

representação gráfica da criança. Quase toda criança gosta de desenhar. Quando ela brinca, quando ela desenha ou pinta, o terapeuta vai observando o seu grafismo (Affonso, 2012).

A criança muitas vezes começa a ludo desenhando muitos círculos, que são o traçado mais primitivo e caracteriza a imaturidade emocional, perceptiva e motora da criança. Na medida em que se dá o prosseguimento do trabalho, vai se percebendo a evolução do traçado. O psicólogo vai acompanhando a evolução do grafismo e a forma de expressão da criança. Se, no início ela usar apenas uma cor, isto pode indicar uma limitação no mundo de possibilidades, pois entre as diferentes cores que ela pode escolher, ela escolhe apenas uma. Ela se coloca no mundo numa posição de restrição. Não vê todas as possibilidades. Na medida em que ela vai ampliando, usando mais cores, vai mostrando que já pode lidar com o mundo considerando todas as possibilidades ou mais possibilidades que o mundo lhe oferece (Affonso, 2012).

Os testes podem ser utilizados como recursos terapêuticos, como quando se quer mobilizar algum sentimento. Pode-se pedir que a criança desenhe a sua família como objetos ou animais. É um recurso utilizado para se trabalhar a dinâmica familiar. A criança vai mostrando os significados que cada pessoa da família tem para ela, como se relaciona com estas pessoas e qual a sua percepção da estrutura Familiar (Affonso, 2012).

Como visto anteriormente a Gestalt-terapia com crianças utiliza técnicas e instrumentos pelo meio do lúdico que facilita a auto-expressão dos sentimentos vivenciados pela criança, onde se desenvolve a *awareness* de si, pois geralmente tem medo, não quer falar ou tem uma linguagem verbal ainda não desenvolvida. Na visão gestaltica, valoriza-se a liberdade de expressão através de variadas técnicas utilizadas com a ludoterapia, fundamental para a legitimidade do encontro dialógico (Oaklander, 1970).

As possibilidades de técnicas e instrumentos devem ser compreendidas na forma de fazer algo, ou seja, recursos que servem de auxílio na função terapêutica, com a finalidade de que se atinja um objetivo, seja ele: facilitar e promover, expressões genuínas do ser, para que se tenha uma consciência plena. Quando o terapeuta se coloca à disposição de recursos lúdicos, ele mostra a criança que os dois estão no mesmo momento, e isso ajuda a criança a se entregar na expressão e para se abrir a novas possibilidades de existir (Affonso, 2012).

De acordo com Aguiar 2015 as sugestões aqui apresentadas posteriormente têm o intuito de elucidar as infinitas possibilidades de técnicas e instrumentos, e com isso libertar o processo criativo do psicoterapeuta. Não se pretende que seja seguido com uma ordem, padronizadas ou mecanicamente o processo de trabalho com crianças demandas delicadeza, fluidez, leveza, pois se tratando de um trabalho dialógico, o que se passa dentro do psicoterapeuta e dentro da criança, se constitui uma delicada fusão.

4.1 USO DE DESENHO COMO RECURSO LÚDICO

Os desenhos/ figuras, podem ser utilizados de formas diversas e de diferentes níveis, a própria ação de desenhar sem qualquer tipo de intervenção por parte do terapeuta e essa seria a forma de execução livre, que é uma poderosa forma de se expressar sobre si mesmo, auxiliando na auto identidade, e possibilitando a expressão de sentimentos. Já na execução dirigida, a criança irá desenhar da forma que quiser, nas cores, formatos, tudo que vier a sua mente, relacionado ao tema que o psicoterapeuta propôs à priori, através dessa direção, é possível, conhecer, gostos, relação com a família, amigos, ambiente escolar, e sobretudo as preferências desse cliente (Affonso, 2012).

As crianças estão em geral habituadas a desenhar. O terapeuta irá explorar a expressão criativa da criança em busca do significado por trás dos desenhos. Esse trabalho pode ser livre ou direcionado. No desenho livre, a criança manifesta o desejo de desenhar. O terapeuta acompanha o processo de criação, observa e, junto com a criança, explora o significado particular expresso no desenho. Ao fazer isso, o terapeuta possibilita que a criança tome consciência de suas intenções, ou seja, do que a motiva a criar aquele desenho, a usar determinadas cores, posicionar as figuras de determinada forma, entre outros aspectos.

No desenho dirigido, o cliente cria e desenha livremente, mas o tema é proposto ou sugerido pelo terapeuta. O objetivo do terapeuta é explorar questões relevantes para aquele cliente por meio do desenho. Assim, o terapeuta pode, por exemplo, pedir para a criança desenhar sua família, seu mundo, seu quarto, sua casa, sua rotina, dar cores aos seus sentimentos ou até mesmo desenhar seus amigos como animais, adaptando um bestiário, Ou seja, conscientizar a criança de seus sentimentos sobre as pessoas que a cercam e sobre si mesma.

3.2 VIVÊNCIAS DE FANTASIAS

É comumente utilizada em crianças com dificuldades de se expressar, através da fantasia é possível explorar esses sentimentos, sendo ela um poderoso recurso. Para iniciar essa vivência, utilizasse de um relaxamento prévio que é conduzido pelo terapeuta, no qual é utilizado o corpo, a criança faz um passeio pelo corpo, localizando suas tensões, que ela volte sua atenção para a respiração, e no final dessa intervenção, esperasse que o cliente esteja relaxado, para que seja guiado a esse mundo de fantasias onde o terapeuta pretende conhecer esse mundo que a criança vai relatar (Oaklander, 1980).

No início de qualquer experiência de fantasia, é essencial proporcionar o relaxamento necessário. Nesse contexto, sugere-se que o terapeuta utilize um método de relaxamento eficaz, que consiste em conduzir a criança através de um passeio pelo próprio corpo. Assim, é solicitado que a criança tire os sapatos, deite-se confortavelmente e feche os olhos. É importante respeitar os limites individuais, já que algumas crianças podem não querer tirar os sapatos, outras não gostam de se deitar ou manter os olhos fechados (Oaklander, 1980).

Portanto, após uma breve conversa explicativa sobre essas limitações, é necessário respeitar a vontade da criança. É fundamental lembrar que qualquer sugestão oferecida pelo terapeuta deve sempre estar aberta à possibilidade de ser recusada pela criança. A reação da criança pode ser utilizada para compreender como ela age e promover a conscientização sobre sua maneira de se relacionar com o mundo. Retomando o relaxamento, solicita-se à criança que se deite de forma confortável e mantenha os olhos fechados. Com uma voz pausada e suave, o terapeuta a orienta a entrar em seu próprio espaço, conscientizando-a de que cada um de nós possui um espaço exclusivo, onde ninguém pode entrar sem ser convidado, seja fisicamente ou através de pensamentos (Oaklander, 1980).

Nesse espaço, somente ela tem o controle. A criança é convidada a observar sua respiração, tentando captar seu ritmo respiratório. O terapeuta pode respirar no mesmo ritmo que a criança, estabelecendo assim uma maior sintonia entre ambos. Solicita-se à criança que não interfira no ritmo respiratório, apenas observe. Em seguida, ela é guiada em um passeio pelo seu corpo, que pode começar pelo dedão e sola do pé e seguir até o topo da cabeça (Oaklander, 1980).

No final deste trabalho a criança deverá estar suficientemente relaxada e o terapeuta pode então levá-la para a “viagem de fantasia”. É dito à criança que vai-lhe ser contada uma história, que ela vai “viver” esta história, e que, quando acabar o trabalho, vai-lhe ser pedido que desenhe ou relate o que encontrou no final. O terapeuta pretende conhecer o mundo da criança relatado à partir do trabalho, explorando suas motivações e significados (Oaklander, 1980).

3.3 RECURSOS ARTÍSTICOS: TINTA, MASSA, ARGILA, COLA, ÁGUA

A utilização pode ser livre ou dirigida, quando a criança cria livremente o terapeuta articula com ela o significado daquela invenção, explora suas funções sensoriais, o que está relacionado a sua vivência no aqui- agora. Quando utilizasse dessa técnica de forma dirigida, o terapeuta sugere que ela faça algo relacionado a expressão de algum sentimento, pode ser utilizando argila, massinha de farinha, tintas coloridas, o que for da preferência da criança (Aguilar,2015).

Dessa forma, a vivência de criar arte promove a descoberta de sentimentos e de qualidades pessoais, auxiliando no desenvolvimento do potencial único de cada um, que no produto criado (desenho, pintura, escultura, poesia, etc.) pode reconhecer-se, ou seja, pode ver-se e também rever-se, vendo-se de uma nova forma ao visualizar possibilidades até então ignoradas. Por isso, Rhyne entende a atividade artística como um modo consciente de integração entre fantasia e realidade, que se encontram de maneira construtiva na obra criada. Esta constitui, então, uma ponte entre as realidades interna e externa, pela qual se expressariam mensagens enviadas pela pessoa para si própria. A compreensão de tais mensagens se baseia na percepção de inter-relações entre a forma do objeto criado na atividade artística e os processos subjetivos do criador, que assim toma conhecimento de aspectos seus até então desconsiderados, e, conforme Andrade, tendo *‘insights’* e integrando seu passado no seu presente, desejo e realidade como um projeto de futuro” (2000, p.129).

Um exemplo, por ocasião do aniversário das crianças o terapeuta pode sugerir-lhes que construam um presente para si mesmas. Argila e tinta resultam num presente concreto bastante interessante. Fazer um presente para você mesmo não parece ser coisa fácil, mas esta atividade tem sido realizada com bastante prazer pelas crianças, que levam com bastante cuidado seus presentes para casa. Enquanto a criança utiliza

este material é possível ao terapeuta atento perceber a forma como ela utiliza o espaço, o material e como está sua motricidade fina e ampla (Oaklander, 1980).

3.4 HISTÓRIAS E POESIAS

Crianças em fase escolar, estão familiarizadas com a histórias e poesias, e muitas delas sentem prazer nisso. Quando utilizado em terapia, se pretende chegar a exteriorização dos sentimentos, colocando as ideias em palavras, nem sempre é um caminho fácil a ser traçado, pode ser proposta uma ideia interativa ente terapeuta e cliente, até que considerem a história encerrada, e com a poesia pode-se fazer o mesmo processo, o interessante é se atentar ao que essa criança quer passar através das ideias transmitidas ali (Affonso, 2012).

Uma história interativa pode ser proposta, construída em parceria entre o terapeuta e o cliente. Um começa, o outro complementa, depois o próximo acrescenta uma nova frase e assim por diante, até que considerem a história concluída. Pode-se iniciar dizendo: "Era um dia especial...". A poesia também é interessante e pode ser trabalhada de forma interativa. Pode-se pedir à criança que escreva um poema expressando seus sentimentos para sua mãe. A poesia dispensa muitas informações e pode ser mais direta do que a prosa, o que torna o exercício bastante emocionante. A criança pode também redigir um texto com um tema proposto pelo adulto. Em algumas ocasiões, ela própria escolhe sobre o que escrever (Oaklander, 1980).

O terapeuta pode ter em seu consultório vários livros infantis. Hoje em dia é possível encontrar textos com ilustrações bastante sensíveis explorando inúmeros temas pertencentes ao mundo das crianças. Quando uma criança escolhe um destes livros abre-se um tema a ser explorado, um universo afetivo a ser compreendido.

3.5 DRAMATIZAÇÃO

Levando em pauta que toda brincadeira é uma dramatização, a criança brinca de casinha, bonecas e fantoches, armas, carros, e vários outros brinquedos, e ali estão instaurados, vivências, ou papéis as quais elas desejam ocupar naquele dado momento. É importante que quando o terapeuta é convidado a contracenar, ele siga

corretamente as regras da criança, e a partir daí trabalha os sentimentos que surgiram (Oaklander, 1980).

Normalmente, quando uma criança começa uma terapia, ela não sabe o que é e falar sobre sentimentos é algo estranho para o seu cotidiano. Dramatizar emoções tem sido uma maneira útil de familiarizá-la com o mundo terapêutico. Ela pode imitar animais com medo, raiva, felicidade, insegurança, agressividade, ansiedade, agitação, calma, doença, entre outros (Oaklander, 1980).

Pode-se criar com a criança uma caixinha dos sentimentos. Criança e terapeuta juntos nomeiam os sentimentos que conhecem e escrevem esses sentimentos em um pedaço de papel que é guardado na caixa. Posteriormente, pode-se sortear um papel aleatório e representá-lo para que o outro adivinhe do que se trata. É uma maneira de exercitar a criança a compreender os sentimentos dos que a cercam e os seus próprios sentimentos (Oaklander, 1980).

3.6 JOGOS

São muitos os jogos que podem ser utilizados dentro da clínica, dentre eles estão: jogo da velha, memória, ludo, boliche, bola de gude, belisca, dama, detetive, banco imobiliário, cai não cai, dominó, dardos, é bem vasta as possibilidades. Esses jogos têm a capacidade de deixar as crianças muito à-vontade no primeiro momento, por serem familiarizados, dentro do processo terapêutico é observado a forma que a criança lidar com as perdas, com o novo, aquilo que é desafiador, a forma de raciocinar em diversos tipos de situação, a competitividade, através do jogo a criança se solta e serve de intermédio para que ela fale sobre suas vivências (Affonso, 2012).

Para ilustrar a utilidade desses jogos, são descritas a seguir duas situações que ocorreram com a mesma criança. Em situação de orientação, a terapeuta que queria aproximar a mãe do mundo da filha sugeriu o jogo da beliscada, uma brincadeira muito antiga praticada principalmente no interior Brasil. A mãe nordestina ficou feliz em redescobrir a alegria dessa atividade. Posteriormente, a terapeuta apresentou esse jogo à criança Ela ficou surpresa ao descobrir que sua mãe sabia sobre esse assunto e depois, mais ainda, que ela havia jogado ali, no mesmo espaço que ela estava utilizando. Algumas pedras foram presenteadas às duas e um novo espaço de comunicação se inaugurou (Oaklander, 1980).

Em outras ocasiões a terapeuta ensinou a criança a jogar baralho. Era uma criança com a vida muito dura. A família pobre lutava com dificuldades e o prazer parece ter sido deixado de lado. A criança foi instruída a pesquisar novas formas de jogar baralho que depois eram ensinadas para a terapeuta e jogavam juntas. Conforme o tempo passa o jogo ganhou uma posição elevada no processo. Sempre que aquela criança queria compartilhar com o terapeuta algo que lhe passava pela cabeça ele mediava a situação com um jogo de cartas. Ele começou dizendo que queria jogar hoje. Os dois passaram um tempo jogando cartas. Mas este jogo é o menos importante. Enquanto brincavam, a criança falava sobre si mesmo e sobre as coisas que o incomodavam (Oaklander, 1980).

Para Oaklander 1980, as propostas descritas, são apenas um médio de facilitar o processo terapêutico, levando em conta que qualquer tipo de intervenção com foco tem o intuito de facilitar o processo, o importante é não perder o foco do trabalho psicoterapêutico que deve estar focado no cliente e na relação estabelecida entre terapeuta/cliente, no aqui-agora do setting terapêutico. As intervenções têm por finalidade primordial mediar, facilitar a expressão e explicitação de sentimentos do cliente, seja ele adulto ou criança.

Dessa forma, foi possível observar vários recursos e como eles podem ser utilizados durante o processo terapêutico com crianças, sempre levando em consideração cada caso e suas especificidades. Ademais, como dito anteriormente esses recursos servem como medidores e facilitadores na expressão da criança diante situações vivenciadas e sentimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da compreensão do conceito de infância pode-se constatar que ao longo da história, a criança foi conquistando respeito e cuidado. É possível constatar, ainda, através dos estudos, que o conceito de infância foi sendo pensado e problematizado e hoje a imagem da criança encontra-se integrada ao conceito de infância. Com isso, muitas abordagens se voltaram para os estudos com criança, o foco nesse trabalho foi a gestalt-terapia.

A partir da visão da Gestalt-Terapia a criança também não pode ser compreendida apenas por um aspecto isolado, mas sim como um ser complexo e interligado em diferentes dimensões. Seus aspectos emocionais, cognitivos, orgânicos, comportamentais, sociais, históricos, culturais, geográficos e espirituais estão todos entrelaçados e influenciam uns aos outros

A psicoterapia infantil requer conhecimentos específicos, para entrar em contato com a criança, e não levando somente em consideração os sintomas da mesma, pois junto se tem muitas potencialidades, e a Gestalt-terapia não focaliza em uma patologia e sim como um todo que se interage, a partir da sua interação com o meio e o organismo, é necessária uma visão holística para que o desenvolvimento do trabalho seja satisfatório, auxiliando na autorregulação orgânica e na forma de *awareness* plena (Aguiar, 2015).

Percorrendo, ainda, os caminhos da história da psicoterapia infantil, viu-se a influência de alguns autores que se debruçaram sobre o brincar da criança e a partir daí foram realizadas pesquisas de autores que discutiram a história da psicoterapia infantil e como o brincar se tornou um meio facilitador da expressão da criança. A partir disso, foi possível visualizar que há especificidades do atendimento infantil em detrimento do adulto.

Na clínica infantil há a utilização do brincar e recursos lúdicos, pois o brincar é a forma natural de expressão da criança, bem como a linguagem verbal é a dos adultos. É um meio de comunicação, pelo qual a criança sai de uma situação centralizada em um objeto, para torná-lo um mediador entre ela e seu mundo. No ato de brincar há inúmeros aspectos que caracterizam o ser e o estado de cada criança, das suas emoções, dificuldades, vivências, formas de ver e relacionar-se com o mundo e do seu estado de desenvolvimento físico, mental e emocional. Desta forma, a utilização de recursos lúdicos tem o intuito de facilitar o seu processo de

desenvolvimento tanto interior como exterior (CENPEC, 2009)

Dessa forma, um método utilizado na gestat-terapia com crianças é a ludoterapia que se trata do tratamento psicoterápico voltado à criança. A mesma é realizada por meio do brincar, do lúdico, sendo um facilitador na expressão da criança. Através do brincar as crianças ganham mais oportunidade de expressarem seus sentimentos e conflitos e encontrarem melhores alternativas para resolvê-los. A Ludoterapia é baseada no fato de que o jogo é o meio natural de autoexpressão da criança. É uma oportunidade dada à criança de se libertar de seus sentimentos e problemas através do brincar (Rodrigues, 2010).

Com isso, foi possível observar como a ludoterapia pode ser um recurso importante para o terapeuta e como ela auxilia na expressão da criança diante o processo terapêutico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFFONSO, Rosa Maria Lopes. **Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brinquedo**. Porto Alegre : Artmed. 2012.

AGUIAR L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

American Psychological Association (APA). **Play-therapy**. In APA Dictionary of Psychology. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3WVZEvK>. Acesso em 25 de Nov. 2023.

ANTONY, Sheila Maria da Rocha. **A criança em desenvolvimento no mundo: um olhar gestáltico**. IGT na Rede, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 1-11, ago. 2007. Disponível em: <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/50/87>. Acesso em: 19 abr. 2022.

ANTONY, Sheila Maria da Rocha. **Um caminho terapêutico na clínica gestáltica**. São Paulo: Summus, 2010.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

AXLINE, V.M. **Ludoterapia**. Belo Horizonte, Interlivros, 1972,350 p.

BRANCO, Taciane Marques. **Histórias infantis na Ludoterapia Centrada na Criança. 2001**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2001.

BUYS, Rogerio Christiano. **A psicologia humanista**. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira. (org.). História da psicologia: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2006.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA – CENPEC. **Brincando e aprendendo**. 2009. Disponível em <http://www.cenpec.org.br>. Acesso em 25 de Nov. 2023.

CIRINO, O. **Psicanálise e Psiquiatria com crianças: desenvolvimento ou estrutura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

COSTA, Maria; DIAS, Cristina. **A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, Gestalt-terapia e centrada na pessoa**. Estudos de Psicologia, Campinas, 22(1), jan./mar. 2005, p. 43-51. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103166X2005000100006&script=sci_arttext . Acesso em: 20 ago. 2015.

FERNANDES, Myriam Bove. **A família como parceira no atendimento gestáltico infantil**. In: ANTONY, Sheila. (Org.). A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento. São Paulo: Summus, 2010. p. 177 – 201.

FRAZÃO, Lilian Meyer. **Um pouco da história... um pouco dos bastidores**. In:

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*. São Paulo: Summus, c2013b.

FREUD A. **O tratamento psicanalítico de crianças**. Rio de Janeiro: Imago; 1971.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **Origens e destinos da abordagem centrada na pessoa no cenário brasileiro contemporâneo: reflexões preliminares**. Revista da Abordagem Gestáltica, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 168-178, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200007. Acesso em: 27 out. 2021.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. Casa do Psicólogo. 1992.

MATTAR, Cristine Monteiro. **Três perspectivas em psicoterapia infantil: existencial, não diretiva e Gestalt-terapia**. Contextos Clínicos, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 76-87, jul./dez. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822010000200001. Acesso em: 28 mar. 2022.

MODALIDADES DE INTERVENÇÃO CLÍNICA EM GESTALT-TERAPIA.. São Paulo: Summus. Acesso em: 26 ago. 2023., 2016.

NORONHA, F. M. C; BARREIRA, M. M. L. **O uso de recursos lúdicos na Gestalt-Terapia: possibilidades de intervenção clínica em psicoterapia infantil**. Artigo encaminhado ao periódico Revista Eletrônica Saúde em Diálogo, v. 6, n. 1, 2016.

OAKLANDER V. **Descobrendo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. 13. ed. São Paulo: Summus;1980.

OLIVEIRA, Evelyn Denisse Felix de. **Um panorama do processo psicoterapêutico infantil em Gestalt-terapia**. IGT rede, Rio de Janeiro , v. 11, n. 20, p. 01-15, 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262014000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 ago. 2023.

PAJARO, M. V; ANDRADE, C. C. **Estudo de caso em Gestalt-terapia: leituras fenomenológicas do desenho infantil**. Artigo encaminhado ao periódico Revista da Abordagem Gestáltica: Goiânia, p. 204-214, 2018.

PRATTA, Elisângela; SANTOS, Manuel. **Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 2, mai./ago., 2007, p. 247-256. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>. Acesso em: 20 ago. 2015.

RAY, D. C.; JAYNE, K. M. **Humanistic psychotherapy with children**. InD. J. Cain , K. Keenan , & S. Rubin (Eds.), *Humanistic psychotherapies: Handbook of research and practice* (pp. 387-417). 2016.

RHYNE. J. **Arte e gestalt: padrões que convergem**. (M. B. P. Norgren, trad.). São Paulo: Summus. 2000.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia: O Processo Grupal: uma abordagem**

fenomenológica da teoria do campo e holística. São Paulo: Summus. 1994.

RODRIGUES P, NUNES AL. **Brincar: um olhar gestáltico.** Rev. Da Abordagem Gestáltica. 2010; 10(2):189-98.

ROGERS, Carl Ransom; KINGET, Godelieve Marian. **Psicoterapia e relações humanas.** Belo Horizonte: Interlivros, 1975. (1).

SANTANA, D. DA. S; YANO, L. P. **Experimentos em Gestalt-terapia: os sonhos como recurso integrativo.** Artigo encaminhado ao periódico Revista NUFEN: Belém, v. 6, n. 2, p. 91-101, 2014

STURMER, A. **As origens da psicoterapia de crianças e de adolescentes na psicanálise.** In: CASTRO, Maria da Graça K.; STURMER, Anie[et al.]. Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica. (pp. 29-41). Porto Alegre: Artmed, 2009.

THERENSE, Munique. **O processo ludoterapêutico na perspectiva fenomenológico-existencial das crianças em atendimento clínico.** Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 25, n. 1, p. 15-25, abr. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672019000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 ago. 2023. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2019v25.2>.

YONTEF GM. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-Terapia.** São Paulo: Summus; 1998.